



O ESTÁGIO COMO PESQUISA NA LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS: DIÁLOGO E AS PRÁTICAS POÉTICAS COMO PONTOS DE PARTIDA

INTERNSHIP AS RESEARCH IN VISUAL ARTS TEACHER EDUCATION: DIALOGUE AND POETIC PRACTICES AS STARTING POINTS

Tharciana Goulart da Silva¹

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Resumo: Este texto traz como questão central “Como perceber e efetivar o estágio em Artes Visuais enquanto pesquisa reconhecendo suas especificidades?”. Para reflexão sobre a pergunta, apresenta-se duas experiências pedagógicas realizadas em disciplinas de Estágio Curricular na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), curso de Licenciatura em Artes Visuais. Nestas experiências é abordado o diálogo como potência para elaboração do conhecimento e é apresentado o projeto poético “Coletas Docentes” que objetivou ativar o olhar para pesquisa por meio de práticas artísticas. Assim, a metodologia deste artigo ancora-se em análise bibliográfica e de experiência. Compreende-se, por fim, que para adentrar as especificidades do estágio como pesquisa em Artes Visuais é necessário o exercício de criar reflexões por meio de um processo artístico subsidiado pela docência.

Palavras-chave: Estágio Curricular; estágio como pesquisa; ensino das Artes Visuais; diálogo; projeto poético.

Abstract: This text presents as its central question: "How to perceive and implement the internship in Visual Arts as research, recognizing its specificities?" To reflect on this question, two pedagogical experiences are shared, carried out in the Internship courses at the University of the State of Santa Catarina (UDESC), within the Bachelor's Degree in Visual Arts. These experiences address dialogue as a powerful tool for knowledge creation and introduce the poetic project "Coletas Docentes," which aimed to activate the gaze for research through artistic practices. Thus, the methodology of this article is based on bibliographical analysis and experiential reflection. It is understood, ultimately, that in order to delve into the specificities of the internship as research in Visual Arts, it is necessary to engage in the exercise of creating reflections through an artistic process supported by teaching.

Keywords: Curricular Internship; internship as research; teaching of Visual Arts; dialogue; poetic project.

1 INICIANDO POR UMA IMAGEM

¹ Doutora (2022) e Mestre (2017) em Ensino das Artes Visuais (PPGAV/UDESC), graduada no curso de Licenciatura em Artes Visuais da UDESC (2015). Atua como professora adjunta no Centro de Artes, Design e Moda da UDESC, curso de Licenciatura em Artes Visuais e Mestrado Profissional em Artes (Profartes/UDESC). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6262703963941419>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2393-5303>.



Imagem 1 - “Sala de Artes”, trabalho de Isabela Wilwert Schumann realizado na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

Escolho abrir este texto com uma imagem. Trata-se de uma produção com referência no ambiente de sala de aula. Nesta representação, encontramos uma mesa com materiais artísticos, professores/as, alunos/as e muitas reproduções (em miniatura) de obras de arte. Uma cena que remete às especificidades de uma aula de Artes Visuais. Além disso, a imagem revela em suas características pictóricas a manualidade implícita em sua construção. O trabalho foi realizado por uma estudante de Licenciatura em Artes Visuais, Isabela Wilwert Schumann, que reflete poeticamente sobre o espaço da sala de aula da escola na qual atuou durante a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). A produção faz parte do projeto poético “Coletas Docentes” (2023) que propus como professora nesta disciplina.

A imagem acima revela especificidades, questões essenciais que busco estabelecer/criar/recriar nas aulas de Estágio: Como evidenciar a importância do diálogo para propor reflexões práticas e poéticas sobre o estar professor/a? Como construir uma docência comprometida sem esquecer das perspectivas artísticas potencializadoras da própria formação? Como perceber e efetivar o estágio em artes visuais enquanto pesquisa reconhecendo suas especificidades? Entre estas



perguntas, a última, em especial, move a escrita deste texto. Tenho elaborado essas investigações no entrelace com a prática dos/as estudantes, e nos projetos poéticos desenvolvidos, encontrado pistas que ajudam a pensar sobre esses questionamentos. Assim, este artigo articula-se metodologicamente a partir de pesquisas bibliográficas e experiências pedagógicas.

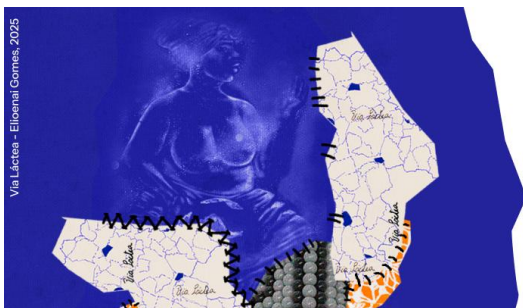
Imersa no contexto dos estágios em Artes Visuais, os autores Paulo Freire (2011, 2020) e bell hooks (2017, 2020) têm apontado caminhos para reflexões que levam em consideração certa sensibilidade e abertura docente, questões que conversam com as perguntas anteriormente elencadas: a construção docente e artística, os processos reflexivos por meio da criação poética, a necessidade de abertura ao diálogo em sala de aula. Nestas investigações, percebo que há um direcionamento sobre a necessidade do exercício de criar reflexões por meio de um processo artístico subsidiado pela docência, pelo que se vive no cotidiano escolar. Assim, é por meio do diálogo e a partir de propostas poéticas que versam sobre a docência que tenho delineado um caminho do estágio como pesquisa na Licenciatura em Artes Visuais.

2 O ESTÁGIO COMO PESQUISA

O encontro entre os fazeres docentes e artísticos pode ser um potencializador do entendimento do estágio como pesquisa, mesmo não sendo um requisito para sua compreensão. Os autores Pimenta e Lima (2008) e Ghedin; Oliveira e Almeida (2015) colaboram com a discussão ao trabalharem com este tema (estágio com ou como pesquisa), no entanto, ainda sem um direcionamento específico para as Artes Visuais e pensando a licenciatura de forma ampla.

Para Pimenta e Lima (2008, p. 236)

A pesquisa no estágio como método de formação dos estagiários, futuros professores, se traduz pela mobilização de investigações que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam. E também, em especial, na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam.



Em consonância, Ghedin; Oliveira e Almeida (2015) enfatizam que o estágio com(o) pesquisa é propulsor de uma autonomia intelectual que é elaborada na medida que desenvolve-se uma “[...] superação do tradicional distanciamento entre pesquisa acadêmica e prática pedagógica.” (Ghedin; Oliveira; Almeida, 2015, p. 166).

Para estes autores, a pesquisa é “[...] um elemento que possibilita ao professor elaborar os próprios conhecimentos de modo sistemático. Quer dizer que lhe possibilita construir metódica e radicalmente um modo de compreender, de explicar e de interpretar o mundo.” (Ghedin; Oliveira; Almeida, 2015, p. 53). Esta reflexão direciona-se para a necessidade de aprender a construir conhecimento a partir da consonância de uma prática pedagógica e uma postura teórica.

Pimenta e Lima (2008), bem como Ghedin; Oliveira e Almeida (2015), caminham para um entendimento de que é necessário uma apropriação crítica do contexto vivenciado na escola, bem como uma visão sensível sobre este espaço, conectando o que se vive, o que se ensina e se aprende para consolidação de uma postura docente ativa e consciente. Ou seja, o entendimento do estágio como pesquisa é uma estratégia que não articula-se sozinha ou de forma automática pela própria estrutura pedagógica do estágio. Esta precisa ser bem pensada, requer um engajamento dos professores e dos estudantes. Elaborar questões e processos reflexivos a partir do que se vive é algo que necessita um tempo de percepção e maturação. E além disso, de seriedade do próprio sujeito em formação.

No que tange o estágio curricular na Licenciatura em Artes Visuais, o autor Juliano Reis Siqueira (2022), problematiza: “No estágio sentimos os efeitos do protocolamento compulsório e expansivo, que tende a exaurir as forças artísticas e anestesiar a sensibilidade necessária para percepção dos signos sutis de uma pesquisa artística [...]”. Esse contexto abordado por Siqueira (2022), se constrói em meio às diferentes burocracias que estruturam o estágio, tais como documentações e termos de compromisso firmados entre escola, universidade, estagiários, orientadores e Secretarias de Educação. Além disso, também pelas regras e normativas das instituições escolares, que vão desde questões cotidianas a documentos norteadores. O que o autor discute ao longo do texto aborda sobre como a perspectiva burocrática pode roubar o espaço criativo que é integrante da prática de um professor de Artes



Visuais, principalmente quando este encontra modos de se pensar também enquanto um artista que cria pedagogicamente.

Nesta questão discutida por Siqueira (2022), encontro um ponto de ressonância nas diferentes formas de ensino que tenho estruturado como professora de Estágios Curriculares. Tais estratégias não são desenvolvidas na busca de burlar as estruturas burocráticas que permeiam os estágios e são necessárias, mas para ampliar artisticamente as possibilidades reflexivas e a compreensão sobre como se faz pesquisa nos Estágios Curriculares em Artes Visuais.

2.1 DIÁLOGO: UMA ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NO ESTÁGIO COMO PESQUISA

Entre as abordagens que consolidam-se na interação da universidade com a prática dos estágios nas escolas, e que vão além dos projetos poéticos (os quais serão abordados no próximo subtítulo), percebo que o delineamento de uma observação/mapeamento (seja este do bairro, da escola, da turma ou das metodologias presentes na prática do/a professor/a regente) de forma consciente, é essencial. Além deste exercício de observação atenta, a conversa sobre o quê, por que e como se observa no contexto da escola, é um processo fundante do estágio. Para impulsionar diálogos, tenho proposto diferentes ferramentas, como o uso de diários, de registros fotográficos ou a criação de mapas e listas de perguntas.

Na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado III (2023), tive enquanto ponto de partida, junto dos estudantes, temas centrais para pensar as observações na escola: *tempo*, *espaço* e *corpo*. Após realizar discussões sobre esses conceitos, os professores em formação inicial foram convidados a elaborar perguntas para serem respondidas ao longo das observações que precedem as atuações docentes. Antes de adentrar na escola para as observações de aulas e do espaço escolar, iniciamos um processo reflexivo firmando objetivos para a ação de observar. As respostas para estas perguntas retornavam para sala de aula da universidade gerando uma conversa entre a turma e um debate no qual era possível que cada estudante relacionasse suas percepções com suas vivências. Entre as questões elaboradas, tivemos:

Qual a interferência do tempo (cronológico ou clima) no espaço do ateliê/sala de aula?



O espaço alarga ou diminui a percepção do tempo?
 Qual o efeito do tempo no corpo do discente e docente?
 Os corpos podem modificar o espaço? Se sim, como? Se não, porquê?
 Como o corpo (estudante e professor) se relaciona com o espaço?

Outro estudante trouxe os seguintes questionamentos:

Qual a visão dos alunos sobre os estagiários? (Corpo)
 Como é a disposição dos alunos na sala? Tem espelho de classe? (Espaço e corpo)
 Quanto tempo da aula de fato é aproveitado? As aulas anteriores influenciam na aula de arte? (Tempo)
 Qual a relação dos alunos com o uso dos materiais? Quais estratégias o professor utiliza para controle de desperdício? (Corpo e Espaço)
 Por quanto tempo o professor trabalha cada tema? (Tempo)

É notável que as preocupações e percepções são diversas. O *tempo* desdobrou-se na curiosidade sobre o tempo de aula, tempo para o discente e tempo para o docente (reconhecendo que pode existir uma diferença), tempo cronológico, relação entre o espaço da sala de aula e o tempo (reconhecendo que um espaço inadequado pode alargar ou diminuir esta percepção). Sobre *espaço*, houve o questionamento de sua ação sobre o corpo discente e docente, a compreensão de que é possível modificar o espaço e que o modo como este é criado regula ou desnormativa os corpos. Quanto ao *corpo*, este foi colocado em relação ao tempo e ao espaço, considerando que ele modifica e é modificado por estas variantes. Houve também a preocupação em ser visto enquanto professor/a, a qual justifica-se pelo lugar de exercício da prática educativa que o estágio provoca, onde mesmo estando em formação, o/a estudante percebe-se enquanto professor/a.

Não trago essas questões para este texto para respondê-las ou conceituá-las, mas como exemplo de uma experiência pedagógica que buscou estruturar pontos de partida para compreensão da importância do diálogo nas aulas de Estágio Curricular na licenciatura. O diálogo é aqui compreendido como chave para o desenvolvimento do estágio como pesquisa, pois a elaboração dessas perguntas vai ao encontro do que Ghedin; Oliveira e Almeida (2015, p. 23) defendem: é preciso ensinar os estudantes “[...] a trabalhar com processos e não com produtos educacionais, isto é, aprender a produzir conhecimento a partir de seu contexto, de suas condições, de seus problemas, de suas dificuldades, de seus dilemas.”



A partir das perguntas elaboradas pelos/as estudantes de estágio, desenvolvemos conversas sobre o vivenciado nas observações pedagógicas nas escolas. Os/as estudantes foram contrapostos/as às problemáticas teóricas e práticas, e precisaram refletir, junto com colegas de classe, sobre como estruturar soluções para o que viviam.

Deste modo, compreendo que as perguntas funcionaram como ativadoras de diálogos, na busca para que os/as estudantes em formação inicial coloquem-se em uma posição ativa diante de suas pesquisas e inserção no espaço escolar. Tal perspectiva é embasada na pedagogia crítica e engajada discutida por bell hooks (2017, 2020). Conforme a autora,

Vários estudantes frequentemente sentem que não têm voz, que nada do que dizem vale a pena ser ouvido. Por isso é que a conversa se torna uma interação tão importante, porque não só abre espaço para todas as vozes como também pressupõe que todas as vozes podem ser ouvidas. (hooks, 2020, p. 83)

Certamente descobrir que ‘tem voz’ e que sua voz pode ser ouvida é um dos pressupostos para poder realizar pesquisa, tendo em vista que o gesto da pesquisa envolve acreditar no que se faz, estar disposto a inquirir, encontrar suas próprias problemáticas e soluções. E, além disso, o diálogo e a troca por ele proporcionada é um dos alicerces do estágio. Caso não haja diálogo sobre o que se observa, se elabora enquanto projeto e se realiza enquanto atuação, a disciplina de estágio pode perder seu sentido e gerar um descolamento do que se faz na escola e do que se estuda e discute na universidade.

bell hooks (2017) nos ensina que o ato educativo envolve a interação entre educandos/as e educadores/as, ou seja, é necessário conhecer o outro, ter espaço para criar com o outro. Esses ensinamentos direcionam-se para o que a autora nomeia de comunidade de aprendizagem (hooks, 2017). Para que uma comunidade de aprendizagem seja desenvolvida, é necessário desestabilizar as relações de poder, estar aberto às trocas. Neste sentido, “A pedagogia engajada produz aprendizes, professores e estudantes autônomos, capazes de participar inteiramente da produção de ideias”. (hooks, 2020, p. 81),



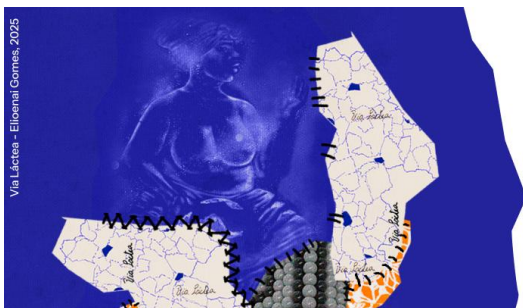
As perguntas indicam que a ida à escola não é um simples cumprimento de protocolo. Ou seja, objetiva-se o entendimento que em uma observação atenta parte-se de uma compreensão de que o contexto teórico e o contexto concreto (Freire, 2020) estão em constante emaranhamento. Os contextos teóricos que cabem à educação e às artes visuais tornam-se válidos quando são analisados pelo filtro concreto. Assim, de pouco adianta dominar teorias e desconhecer as minúcias, metodologias e funcionamentos de um ambiente escolar na prática cotidiana. Criar perguntas e modos de respondê-las é uma forma de observar a concretude, bem como, um exercício para que cada estudante desenvolva suas próprias lentes, seus modos singulares de ver, se ver e ser visto no espaço escolar.

Cabe salientar que a estratégia de uso das perguntas com o tema corpo, espaço e tempo para as observações de estágio foi algo pontual, desenvolvido para aquele contexto e para aquela turma em específico, pois foi uma ideia que construímos juntos. Sendo assim, considero que é possível lançar diferentes proposições que promovam o diálogo e a autonomia investigativa dos estudantes.

2.2 PROJETOS POÉTICOS: APROXIMAÇÕES ENTRE OS FAZERES ARTÍSTICOS E DOCENTES

O projeto “Coletas docentes” foi criado enquanto um desdobramento de minha prática artística. Em meu trabalho poético realizo coletas, elas são percebidas em suas perspectivas artísticas e como tema ou referência para a criação de obras. “Coletas docentes” teve mais de uma edição. Nelas, os objetivos finais eram aproximados, mas os meios de realizar os projetos, distintos. A primeira edição (2019) foi apresentada na Tese de Doutorado “Coletas docentes: uma leitura a/r/tográfica” (2022). Os trabalhos que trago para discussão neste texto são de 2023 e realizados nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado II e Estágio Curricular Supervisionado IV.

Estas propostas dialogam com a pergunta “Como construir uma docência comprometida sem esquecer das perspectivas artísticas potencializadoras da própria formação?”. Na disciplina de Estágio, percebo que esta construção está atrelada ao modo como o/a professor/a elabora suas aulas, no sentido de que as ações guiadas



e desenvolvidas pelos/as docentes funcionam como convites para articular a prática poética e a prática pedagógica do/a estudante em formação.

No projeto “Coletas Docentes” (2023) os/as alunos/as foram apresentados/as a diferentes artistas que desenvolvem trabalhos com coletas, tais como Brígida Baltar, Duchamp, Elida Tessler, Amanda Teixeira, entre outros. Além disso, discutimos sobre o espaço da escola, o que chama atenção neste lugar e como um/a estudante de Estágio em Arte Visuais pode exercitar uma postura atenta e comprometida em sua formação. Para participação no projeto, os/as estudantes receberam enquanto dispositivo uma caixa de papel kraft medindo 12x8cm e solicitou-se, ao final, a entrega de um texto sobre suas produções. Eles foram convidados a realizar coletas nos momentos de observação e atuação de estágio, e a caixa era o suporte para guardá-las. As coletas deveriam ter um fio condutor, algo comum que configura um conjunto.

O projeto acompanhou todo o percurso do estágio: observações, planejamentos, atuações docentes e reflexão final sobre o processo de estar professor. Considerando a brevidade de um artigo, escolho focar em duas produções, uma da estudante Isabela Wilwert Schumann e outra de Ana Clara Oliveira. Os trabalhos partem de uma mesma proposição e suporte, mas percebe-se que as coletas tomaram caminhos de apropriação distintos.

A coleta de Isabela Wilwert Schumann, apresentada na imagem que abre este artigo, faz referência à sala de aula. O modo como ela se apropriou da proposta foi especialmente por meio da pintura, prática recorrente em seus trabalhos artísticos. Isabela não coletou objetos, mas sim uma imagem da sala de aula construída a partir da sua experiência enquanto professora. A estudante escreve sobre o que viveu na escola:

Tinta por todos os lados! Vestindo seus aventais, as crianças trabalham. Subitamente, aquela pequena sala de arte se torna menor, com tantas pernas e braços indo para lá e para cá, euforicamente. As cadeiras são esquecidas, pois o que mais interessa é o trabalhar em pé, o deslocamento ao redor da comprida mesa, a busca pelos materiais (tecidos, botões, enchimentos, coadores, tintas), retirados da mala e dispostos nas pequenas mesas escolares. Professora, professor, Isa – as crianças chamam.

O texto e a imagem criados no projeto provocam a mesma sensação: uma sala de aula viva, onde o interesse pelo que se faz cria movimentos.

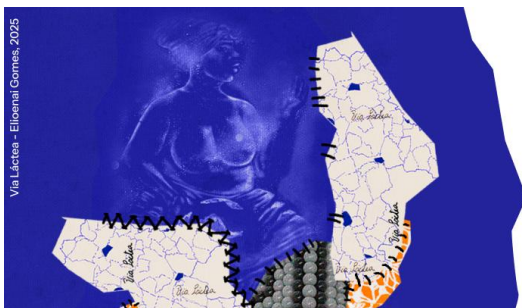


Imagem 2 - “Autorretrato da subjetividade docente,” Trabalho de Ana Clara Oliveira realizado na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II.



Fonte: Acervo da autora.

Ana Clara, em suas coletas, decide olhar para o gesto dos alunos e para as mãos que produzem. Para tanto, registra fotografias desses momentos, nas quais aparecem as mãos e os riscadores utilizados nas produções. Posteriormente, a estudante utilizou a técnica de xerox transferência para imprimir essas imagens em um tecido e, ao centro deste, pintou um autorretrato. Linhas saem da ponta dos riscadores e constroem a imagem da professora. Em seu texto entregue na disciplina, relata: “[...] entendo a subjetividade docente como um processo em conjunto com cada estudante que perpassa meu caminho como professora.”

Analisando os projetos, percebo que os modos de registros de experiências pedagógicas em Artes Visuais são amplos e que criá-los envolve um pensamento reflexivo e artístico. Pois,

[...] compreender os processos como pesquisa implica ao/à aluno/a perceber que não se faz professor/a somente cumprindo com as obrigações universitárias; faz-se a partir do envolvimento, da coragem de buscar seus desejos e seus temas de interesse, explorando os contextos em que se vive. Somente a partir dessa identificação a prática pedagógica atinge uma dimensão criativa, na qual o discurso do/a professor/a não é apenas reprodutivista, pois tangencia uma dimensão poética. (Silva, 2022, p. 150)

A abertura para práticas artísticas em uma disciplina que é vista, muitas vezes, apenas como lugar para o exercício docente, propicia reafirmar o lugar da arte. O



projeto poético é um modo de olhar para a docência por outras vias, de convidar o/a estudante a desenvolver pesquisas onde seus interesses são colocados em questão e suas subjetividades são ressaltadas.

3 REFLEXÕES FINAIS

Os apontamentos trazidos neste texto, relacionados à importância do diálogo como reconhecimento da própria voz e dos projetos poéticos como possibilidade de olhar para as subjetividades na construção docente, coadunam com o pensamento de Ghedin; Oliveira; Almeida (2015, p. 46): “[...] o conhecimento não consiste em um conjunto de informações que vamos acumulando, mas num processo de significação e sentido que vamos construindo coletivamente.”

As propostas realizadas se desenvolveram tanto no âmbito individual quanto coletivo, e os debates ocorridos em sala, que por vezes podem parecer singelos, carregaram questões profundas. Ouvir e ser ouvido é uma forma de olhar para as experiências, de não deixar que as singularidades do processo educativo vivenciado no estágio passem sem a devida atenção. Criar poeticamente a partir do que se vivencia na escola torna-se uma maneira de conceber o estágio como pesquisa, à medida que exige uma participação ativa do olhar artístico, explorando as especificidades da área de Artes Visuais e, assim, gerando conhecimento.

Proporcionar o diálogo em sala de aula não é perder a autoridade ou abrir mão das responsabilidades que a docência implica, mas perceber que, assim como aponta hooks (2020, p. 81), “Como professores, nosso papel é conduzir nossos estudantes na aventura do pensamento crítico. Aprendendo e conversando juntos, rompemos com a noção de que a experiência de adquirir conhecimento é particular, individualista e competitiva.” Nesta perspectiva, o papel fundamental do educador é “[...] contribuir positivamente para que o educando vá sendo artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador.” (Freire, 2011, p. 68).

Com a elaboração do projeto poético “Coletas Docentes” e a estratégia do diálogo adotada em sala de aula compreendeu-se que o estágio como pesquisa em Artes Visuais requer uma consciência metodológica a partir do que se vive. Bem como, que é necessário estar ativo no ambiente escolar, para assim encontrar pistas para a



elaboração de um projeto de ensino para a atuação nas escolas que seja coerente com o contexto e significativo para aquele que os cria.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim, tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GHEDIN, Evandro; OLIVEIRA, Elisangela. S; ALMEIDA, Whasgthon. A. **Estágio com pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2015.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando o pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. **Poíesis Pedagógica**, Catalão, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v3i3e4.10542. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 20 ago. 2025.

SILVA, Tharciana Goulart da. Coletas docentes: uma leitura a/r/tográfica. 2022. 1 recurso on-line. 335 p. Tese (Doutorado em Artes Visuais) — Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Design e Moda, Florianópolis, 2022. Disponível em: <http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/0000a2/0000a204.pdf>. Acesso em 12 ago. 2025.

SIQUEIRA, Juliano. Estágio em artes visuais como campo de pesquisa. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 028–043, 2022. DOI: 10.5965/24471267812022028. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/21814>. Acesso em: 10 set. 2025.